

# jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S.PAULO

Av. Engº Caetano Álvares, 55 — 856-2122 (PABX) — CEP 02598  
São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01051 SP — E. Telegráfico ESTADO  
Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)



*JORNAL DA TARDE*

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto

Luiz Vieira de Carvalho Mesquita

Ruy Mesquita

César Tácito Lopes Costa

José M. Homem de Montes

Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Editor Chefe

Celso Kinjo

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Orlando Marques

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

## O moço e o mar

Em um de seus mais conhecidos romances — **O Velho e o Mar** —, Ernest Hemingway conta a história da luta do pescador Santiago para trazer até a praia, intacto, um enorme peixe que ele havia fisgado em alto-mar com extraordinário sacrifício. Solitário, Santiago enfrenta desesperadamente, a golpes de remo, os tubarões que atacam a sua presa, mas chega a seu destino apenas com a carcaça do peixe atada ao barco.

Essa história veio-nos à memória diante das dificuldades que o programa econômico do governo Collor está vivendo. "Há sinais, cada vez mais evidentes, de que o programa original está sendo abandonado pelo presidente. O peixe vem sendo atacado por um cardume de tubarões e, o que é pior, sem que o governo mostre a mesma disposição e ardor do velho Santiago para defendê-lo. A continuar desse modo, em pouco tempo só restará a carcaça do que foi, sem dúvida, o mais bem acabado projeto de modernização das estruturas econômicas do País.

O combate à inflação, premissa básica para o reequilíbrio total da economia, está sendo hoje sustentado apenas pela política monetária, o que é muito pouco. Em suas picuinhas com os empresários, os assessores econômicos do presidente costumam dizer que o governo já fez tudo que era de sua responsabilidade e que, agora, a vitória sobre a inflação depende do setor privado. Não é bem assim. O superávit de caixa que o Tesouro Nacional vem acumulando desde abril é fruto quase exclusivo do aumento de impostos estabelecido pelo Plano Collor, do calote da dívida externa, do seqüestro da poupança interna e do atraso no pagamento dos compromissos com empresas e fornecedores. São situações que não se repetirão — como o brutal aumento da arrecadação — nem poderão ser mantidas indefinidamente — como os calotes.

Portanto, sem que se dê uma solução definitiva para a questão da descomunal participação do Estado na vida econômica brasileira, com a redução dos gastos públicos, a diminuição da máquina administrativa, a privatização e a liberação das forças produtivas, o monstro inflacionário não será definitivamente lixido. E é exatamente neste ponto que o governo vem cedendo perigosamente aos ataques dos tubarões (os grupos de burocratas e políticos que vivem à sombra do Estado e querem continuar mandando em suas tetas).

Vejamos alguns casos registrados nos últimos dias que comprovam esse recuo:

1. Atendendo às pressões das bancadas do Norte e Nordeste no Congresso Nacional, o presidente Collor enviou ao Legislativo projeto de lei ressuscitando os incentivos fiscais regionais, suspensos desde abril. Voltarão as mamatas do Finam e do Finor, comprovadamente ineficientes para promover o desenvolvimento das áreas da Sudene e da Sudam e que somente se prestaram aos mais variados tipos de corrupção e aproveitamento político-eleitoral.

2. Para não se chocar com os governos estaduais e com as bancadas que eles controlam no Congresso, o Banco Central foi menos rígido do que anunciou anteriormente na definição das normas que servirão para enquadrar os bancos estaduais na política geral de austeridade e evitar que eles continuem financiando até o infinito a gastança dos governadores.

3. Há baixas, também, no programa de privatização. Em Sergipe, na semana passada, diante de uma platéia que não deseja a venda de algumas empresas estatais que atuam no Estado, o presidente Collor disse que estava ali para desfazer "conversas fiadas" sobre a extinção da Petromisa e a inclusão da Nitrofertil na lista de estatais privatizáveis. "Tem muita gente fuxiqueira por este mundo" — explicou Collor. A verdade, no entanto, é que a Nitrofertil, como todas as outras subsidiárias da Petrofertil, está incluída no Programa Nacional de Desestatização por decreto presidencial. Quanto à Petromisa, ela foi extinta, embora ainda continue funcionando de fato, pelo Decreto nº 99.266, de abril deste ano, assinado pelo presidente Collor de Mello.

4. Da reforma administrativa, depois da vigorosa arrancada inicial, quando mais de 200 mil servidores foram demitidos, aposentados ou colocados em disponibilidade, quase não se ouve falar mais. A não ser negativamente, sobre o reaproveitamento de funcionários afastados: cerca da metade dos servidores considerados dispensáveis já voltou à ativa.

Na verdade, o que o governo fez, até agora, como sua parte no combate à inflação, foi muito pouco. E, desse muito pouco, grande parte está sendo, ou já foi desfeita:

A grande contribuição para a cruzada anti-inflacionária continua sendo a da sociedade civil que, a partir do congelamento dos ativos financeiros, vai tendo que pagar preço cada vez maior pelas consequências recessivas da política monetária do governo.

Ou será que o governo considera a política monetária como parte da sua parte?